Dia 20 — Santa Margarida, Virgem e Mártir, e Santa Librada, Virgem e Mártir

Nasceu Santa Margarida, ou Santa Marina (como a chamam os gregos), em Antioquia da Pisídia, de pais distintos por sua qualidade, mas idólatras. Perdeu sua mãe estando ainda no berço, e seu pai Edésio, um dos sacerdotes mais autorizados entre os gentios, deu-a a criar a uma aldeã daquelas cercanias, que era cristã, e esta se aproveitou admiravelmente da ocasião que lhe apresentava a divina Providência para salvar aquela ditosa menina. Com efeito, logo que os anos a fizeram capaz de ensino, dedicou-se a piedosa ama a embuti-la bem nos princípios e nas verdades da religião cristã. Achou na menina tão belas disposições, um natural tão bom, um entendimento tão vivo e tão desembaraçado, uma inclinação tão natural à virtude e uma docilidade tão rara que parecia ter-se antecipado a piedade à razão. Era todo o seu gosto instruir-se nas verdades da fé e todo o seu anelo que a levassem aonde se juntavam secretamente os fiéis. Pelas perguntas que fazia de quando em quando a sua querida ama deixavam-se conhecer as particulares bênçãos com que o Senhor a havia prevenido, dispondo-a para que fosse com o tempo uma das mais ilustres heroínas cristãs.

Logo que teve suficiente discernimento para determinar-se, não só pediu e recebeu o santo batismo, mas desde então se obrigou com solene promessa a não admitir outro esposo que a Jesus Cristo, repetindo mil vezes ao dia que toda a sua ambição, toda a sua ânsia e todo o seu anelo era dar a vida por seu doce Salvador em meio dos maiores tormentos. Chegou logo à notícia de seu pai o que se passava e o partido que havia tomado sua filha; encheu-se de cólera, chamou-a a sua casa e, prometendo-se que facilmente a convenceria, recebeu-a em tom zombeteiro e mofador, dando-lhe os parabéns de que fosse cristã. Não o negou a santa menina; antes respondeu a seu pai com modéstia e respeito que admitia os parabéns que lhe dava, pela mercê que lhe havia feito o verdadeiro Deus de dar-lhe a conhecer a religião verdadeira, escolhendo-a não só para sua serva, mas também para ser esposa sua. Irritado furiosamente o pai com uma resposta que não esperava, disse-lhe: «Já vejo, rapariga, que te enfeitiçaram e turbaram a razão; mas eu desfarei logo esses feitiços: ou vem comigo a sacrificar aos deuses, de que sou principal ministro, ou dispõe-te a padecer os mais cruéis tormentos.» A constância e a resolução de Margarida lhe fizeram experimentar toda a dureza e toda a barbaridade de um pai cruel e enfurecido. Tratou-a com bárbaro rigor; mas nada foi bastante para dobrar sua constância. Despojou-a da roupa que trazia correspondente a sua qualidade e, fazendo-a vestir uns andrajos asquerosos, enviou-a ao campo a guardar seus gados, persuadido de que nada se lhe faria tão duro como ver-se tratada como uma vil escrava; mas enganou-se seu pensamento: aqueles andrajosos trapos eram mais

conformes ao gosto de Margarida que as mais ricas e mais requintadas galas. Por outra parte, achava suas delícias no campo, retirada da casa de seu pai, que manchavam cada dia mil imundos e profanos sacrifícios. Assim cumulava Deus a esta alma inocente e generosa de suas doces bênçãos, dispondo-a para combates mais fortes e para uma vitória mais segura.

Favorecida na solidão de maiores graças, só anelava por aquele ditoso dia em que tivesse a glória de dar sua vida por Jesus Cristo, rendendo-lhe incessantes graças pela mercê que lhe fazia em dar-lhe alguma parte em seus abatimentos e suplicando-lhe com humildade e com instância que lha desse também em seus tormentos e em sua cruz. Logo foi ouvida sua oração. Estava um dia com seu gado perto do caminho real, a tempo que passou junto a ela Olíbrio, general dos exércitos do imperador Aureliano e governador da província da Pisídia. Reparou na rara formosura da pastorinha e naquele ar nobre e modesto que desmentia sua condição. Deu-lhe golpe e, mandando-a aproximar-se, fez-lhe várias perguntas sobre seu nascimento, seus pais e sua qualidade. A doçura e a modéstia com que respondeu a tudo a pastora deixaram mais prendado o governador; e, como entre outras coisas lhe havia dito que era cristã, tomou daqui pretexto para dar ordem de que a conduzissem a Antioquia.

Lembrando-se no dia seguinte Olíbrio de sua prisioneira, mandou que lha trouxessem a sua presença. Apenas a viu diante de si, ficou muito mais encantado de sua peregrina beleza que no dia antecedente e, falando-lhe com uma doçura lisonjeira e tentadora, disse-lhe: «Filha minha, ontem te ouvi dizer que eras cristã, e não sei se o creia: sobra-te muita discrição e muito entendimento para não conhecer as extravagâncias dessa nova religião; mas afinal, se te educaram em suas ridículas superstições, não é maravilha que estejas encaprichada nelas; mas, graças aos deuses imortais, em idade estás em que facilmente poderás depor essa preocupação. Seguramente, filha minha, que nasceste para ser algo mais que pastora e uma cristã vil; eu quero fazer tua fortuna, quero cumular-te de honras e de bens; em conclusão, desde hoje mesmo vais ser a primeira senhora de Antioquia.»

Ouvia tudo isto nossa santa com uma modéstia e com uma compostura que enfeitiçava a todos os assistentes; e, tomando a palavra, respondeu: «Senhor, minha fortuna está já lavrada desde o mesmo ponto em que tive a de ser cristã; a nenhuma outra aspira minha ambição que à de agradar ao Deus a quem sirvo, o único que merece nossos cultos. Conhece pouco a religião cristã o que trata de extravagâncias e de superstições suas verdades e sua doutrina. Não há que esperar verdadeira sabedoria fora do cristianismo.» «Filha — replicou o governador —, não se trata agora de apologias de religião; trata-se de que eu quero absolutamente tomar-te por esposa; não te empenhes em levar adiante obstinadamente teu erro; porque, se não te rendes aos vantajosos partidos que te proponho, bem te podes prevenir para os mais cruéis tormentos.» «Disposta estou, senhor, a tudo — respondeu Margarida —, e espero que nenhuma coisa alterará minha fé nem vencerá minha constância; tenho colocada toda a minha confiança em meu Deus, a quem consagrei minha virgindade, e não há de permitir que eu seja vencida.»

Aceso Olíbrio em cólera e sanha ao ouvir estas palavras, mandou que a despedaçassem a açoites com nodosas varas. Executou-se a ordem com furor, e num instante se viu regada daquele inocente sangue a sala da audiência. Enquanto desumanamente despedaçavam a puríssima vítima, gritava um homem de armas: «Margarida, sacrifica a nossos deuses e não percas tua

fortuna por tua loucura e por tua obstinação.» Enterneceu-se o povo que estava presente à vista deste espetáculo, sobretudo quando viu que a santa se mantinha imóvel, levantados os olhos ao céu, sem exalar uma queixa nem dizer uma palavra, até que, cansados os verdugos e esgotadas todas as suas forças, deixaram-na. Então, voltando-se a santa ao governador, disse-lhe: «Senhor, inventai outros tormentos; Jesus Cristo está comigo; a fortaleza e o valor que me comunica são superiores a tudo o que podeis inventar.» Pareceu a Olíbrio que esta fervorosa confissão era insulto com ares de desafio e, faiscando de ira seus olhos, mandou que lhe apertassem fortemente os pés e as mãos entre placas de ferro acesas e que depois com garfos do mesmo metal lhe voltassem a abrir todas as chagas. Horrorizou-se o povo à vista de um suplício jamais ouvido até então; e até o mesmo governador não teve valor para ver tão bárbaro espetáculo, ordenando que a levassem logo ao cárcere antes que expirasse, admirado de que se pudesse manter com vida.

Logo que Margarida entrou na prisão, quis o Senhor que triunfasse do furor dos demônios depois de ter triunfado da barbaridade dos homens. Parece que todo o inferno junto se armou para perdê-la, ou ao menos para atemorizá-la; puseram-se-lhe diante espectros formidáveis, ouvia espantosos uivos e, enfim, não poupou Satanás meio algum para enchê-la de terror. Diz-se que lhe apareceu o demônio em figura de um monstruoso dragão, aproximando-se dela com a boca aberta, em ademã de que a ia tragar; mas a santa, mantendo-se imóvel, fez serenamente o sinal da cruz, e logo desapareceu aquele fantasmão. Nem por isso se acovardou o inimigo comum; voltou a pôr-se-lhe diante tomando a forma de um homem raivoso e desesperado em ademã de acometê-la para fazê-la em pedaços; mas a santa donzela, com duas gotas de água benta, o lançou por terra e, pondo-lhe o pé sobre o pescoço, obrigou-o a confessar-se por vencido. Assegura-se que, tendo-o desta maneira, lhe perguntou por que razão tentava os cristãos com tanto furor e de tão diferentes modos. Ao que respondeu o demônio que o fazia pela raiva de ver que estivessem destinados a ocupar no céu as cadeiras que ele e seus companheiros haviam perdido por sua soberba e por pura malícia sua, não podendo sofrer que Deus houvesse escolhido os homens para substituí-los a eles. Fez Margarida o sinal da cruz e ficou livre para sempre de semelhantes visões.

Seguiram-se a estas provas os consolos interiores e os favores celestiais. Encheu-se a prisão de um maravilhoso resplendor, e pareceu à santa ouvir uma voz do céu que lhe dava os parabéns de sua vitória e a exortava a perseverar até o fim, que já não estava distante. Ao mesmo tempo, sarou perfeitamente de todas as suas feridas, cessaram as dores e achou-se restituída a sua primeira formosura, aumentada com nova brilhantura. Informado disto o governador, quis ver por seus mesmos olhos esta maravilha; e, apenas apareceu Margarida em sua presença, renovado em seu coração o primeiro incêndio, exclamou como assombrado: «Oh, e quão poderosos são nossos deuses imortais! Oh filha minha, e quanta é sua bondade! Quanto o amor que te têm! Pois, perdoando tua teimosia e tua religião, te fizeram ainda mais formosa do que antes eras; vamos, vamos os dois a render-lhes as devidas graças por tão grande favor, oferecendo-lhes humildes sacrifícios; e vem tu como esposa do governador a tomar posse do preeminente lugar que te corresponde no templo.»

Indignada a santa ao ouvir tais despropósitos, ainda mais intrépida e mais animosa, respondeu-lhe com certo tom de zombaria e de desprezo: «Sim, por certo; bons são para fazer milagres vossos deuses, mais desprezíveis e mais fracos que os mais vis animais. Um deus de pedra, de metal ou de madeira será muito capaz de dar a saúde, quando não é mais que um vulto inanimado, um

tronco sem vida; o que me pôs no estado em que me vês foi Jesus Cristo, meu divino esposo, o único que é capaz de sanar as almas e os corpos; e, se ainda te ficou alguma tintura de juízo e de religião, reconhece seu poder e abraça o cristianismo.»

Entrou em furor o tirano ao ouvir uma resposta tão inesperada. Mandou atormentá-la de novo. Abrasaram-lhe os flancos com tochas acesas; e, para que fosse mais viva a dor, meteram-na depois num tanque de água friíssima. Enquanto duravam estes vários suplícios, mostrava a santa estar cheia de alegria, sem dar indício algum da menor fraqueza. Sucedeu então um espantoso tremor de terra, que encheu a todos de terror; e ouviu-se uma milagrosa voz que dizia: «Vem, esposa de Jesus Cristo, vem e entra na mansão feliz dos bem-aventurados a receber a coroa eterna que está preparada para ti.» Ouviram a voz todos os presentes, e converteu-se uma multidão prodigiosa de gentios, que na maior parte tiveram a ventura de padecer o martírio. O mesmo governador ficou como aturdido à vista de tantos prodígios e, temendo alguma sedição, mandou que no ponto se cortasse a cabeça à santa. Enquanto se dispunham as coisas para sua execução, voltou-se Margarida a todos os assistentes e os exortou a reconhecer o verdadeiro Deus, obrador de tantas maravilhas como eles haviam visto, e a que abraçassem sem temor a religião cristã. Sentiu-se outro novo tremor de terra, que renovou em todos o espanto; e, reparando a santa que o verdugo estava tremendo, animou-o a que executasse a ordem que tinha; e este, recobrando-se um pouco, descarregou-lhe o golpe com que mereceu a coroa do martírio. Sucedeu esta preciosa morte no dia 20 de julho do ano 275 , dia em que a Igreja celebra sua festa.

Enterrou-se o santo corpo em Antioquia da Pisídia, lugar de seu nascimento e de seu martírio; e, estendendo-se logo seu culto por todo o universo, repartiram-se suas relíquias em diferentes lugares, sendo poucos os povos da cristandade onde não se professe singular devoção a Santa Margarida. Na célebre abadia de São Germano dos Prados, em Paris, venera-se uma de suas mandíbulas engastada numa rica estátua de prata, do peso de trinta e sete marcos, que mandou lavrar em honra da santa a rainha Maria de Médicis, mulher de Henrique, o Grande. Algumas outras partes de sua santa cabeça se adoram na igreja das religiosas da Ave-Maria de Paris, na abadia de Froidmont, em Beauvais, na de São Rigoberto em Senlis e na colegiada de Anderlecht, no arrabalde de Bruxelas. Um osso do pé se guarda na catedral de Troyes e outras porções de ossos em Abbeville, Gisors e outras muitas cidades. Foram trazidas de Antioquia estas relíquias pelos cruzados quando se fizeram donos daquela cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Indulgentiam nobis, quæsumus, Domine, beata Margarita, virgo et martyr imploret, quæ tibi grata semper exstitit, et merito castitatis, et tuæ professione virtutis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos alcance o perdão de nossos pecados a intercessão da bem-aventurada virgem e mártir Margarida, que tanto vos agradou, assim pelo mérito de sua castidade como pela ostentação que fez sua constância de vosso infinito poder. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 da Sabedoria (do Eclesiástico).

Eclesiástico 51,13-17

> **Latim:** 13 Exaltasti super terram habitationem meam, et pro morte defluente deprecatus sum. 14 Invocavi Dominum patrem Domini mei, ut non derelinquat me in die tribulationis meæ, et in tempore superborum, sine adjutorio. 15 Laudabo nomen tuum assidue, et collaudabo illud in confessione : et exaudita est oratio mea, 16 et liberasti me de perditione, et eripuisti me de tempore iniquo. 17 Propterea confitebor, et laudem dicam tibi, et benedicam nomini Domini.

Português: 13 Tu me fizeste na terra uma elevada habitação e eu te roguei que me livrasses de ser arrebatado na torrente da morte. 14 Eu invoquei ao Senhor pai de meu Senhor, para que me não deixe sem socorro no dia da minha tribulação e durante o reino dos soberbos. 15 Louvarei incessantemente o teu nome, e celebrá-lo-ei na minha confissão, pois foi atendida a minha oração. 16 E livraste-me da perdição e tiraste-me do tempo de aperto. 17 Por isso eu te glorificarei, e cantarei os teus louvores, e bendirei o Nome do Senhor.

Nota

«Não se ignora que esta epístola se tirou do Eclesiástico, cujo autor foi um tal Jesus, filho de Sirac; e, como procura imitar em tudo o estilo de Salomão e nos Provérbios, tomando deles muitas sentenças, e faz o elogio da sabedoria pouco mais ou menos no mesmo gosto e estilo de Salomão, a Igreja lhe aplica indiferentemente o título já de Eclesiástico, já de Sabedoria.»

Reflexões

Louvarei continuamente teu santo nome e o glorificarei com ação de graças, porque me livraste da perdição e me tiraste de tantos perigos no tempo da iniquidade. Esta deve ser a linguagem daquelas almas afortunadas a quem o Senhor, por um privilégio particular, reservou como para si, livrando-as de todos os perigos de que está cheio este mundo enganador e pondo-as a coberto das tempestades e dos escolhos no porto da religião. É preciso confessar que são muito poucos os que formam uma ideia cabal e justa do estado religioso: uns o consideram como uma terra que traga seus habitantes; outros, como um país que só produz espinhos; e quase todos, como uma escravidão. É tão comum o erro que nem sequer se pensa em sair dele. São sem razão todas estas apreensões. O estado religioso é semelhante à terra de promissão, cujos imaginários monstros não têm mais subsistência que na descomposta apreensão dos que não conhecem a excelência do terreno nem a benignidade do clima. Na verdade, custa trabalho chegar a este delicioso país; hão de passar-se mares, combater inimigos e atravessar montanhas escarpadas; mas é muito doce o fruto depois de tantas vitórias. Aquele Deus a quem serve este fiel e ditoso povo tem o segredo de aplainar em seu favor as maiores dificuldades e de adoçar o que se apresenta cheio de amargura. Se é preciso suspender as ondas para franquear-lhe o passo livre, se é preciso chover um maná celestial para sustentá-lo no deserto, no ponto faz o Senhor todos estes prodígios. Mas enfim, chegou-se já àquela ditosa terra: que abundância de bens e de graças espirituais! Que calma, que paz e que bem-aventurança, ainda nesta vida! Mas os privilégios do estado dos mundanos, quais são? Ah, que tudo concorre a acabrunhá-los, a obrigá-los a padecer, sem liberdade para queixar-se! Em vão se esforçam por figurar-se felizes, dissimulando suas amarguras; muito a seu pesar lhes nascem os espinhos em meio do coração; em todas as partes os seguem e os perseguem os desgostos; cercada está de cruzes a mesma opulência e abundância. Tudo conspira para tornar desditados os homens do mundo: cuidados contínuos; fadigas inseparáveis de sua condição; a ambição, a emulação, o interesse, mananciais inesgotáveis de muitos pesares; as inquietações de uma vida como atordoada entre o tumulto e a confusão; e os sustos de uma fortuna mudável, inconstante e escorregadia; o humor extravagante de tantos com quem se deve contemporizar e a maior parte deles é necessário comprazer; mil desgraçados acidentes que sempre ameaçam e nunca se podem prevenir; as desgraças dos tempos que não é possível evitar; um porte que é preciso manter a qualquer preço; gastos inevitáveis que excedem muito às rendas e aos soldos; a multidão dos rivais; a malignidade dos invejosos; um coração eternamente agitado, um espírito inquieto e uma consciência pouco tranquila. Ah, Senhor! Não era preciso tanto para fazer infeliz um homem; e, não obstante, tudo isto se acha junto na triste condição dos homens do século. Mas ainda no caso em que encontrassem o segredo de acalmar uma grande parte de seus dissabores, que amargura não derramaria em suas diversões, e até naquelas alegrias menos superficiais, o pensamento da morte e da eternidade? Pois de tudo isto estão livres os verdadeiros religiosos; isentos por seu estado desse tropel de misérias; superiores a todos os acasos da vida; independentes do capricho e do humor extravagante dos homens; livres por sua generosa renúncia dos pungentes cuidados das riquezas, que Jesus Cristo compara aos espinhos; desembaraçados por sua perfeita submissão até daquelas molestas fadigas que causa o governo da própria conduta; unicamente ocupados no importante negócio de sua salvação; dedicados unicamente ao serviço de Deus e inteiramente aplicados a dar-lhe gosto, como podem deixar de gostar as doçuras de seu ditosíssimo estado? Onde há tranquilidade mais deliciosa? Figure-se alguém, se é possível, outra vida mais santa nem mais feliz. Oh, e quanta razão têm para louvar incessantemente o nome do Senhor, para render-lhe contínuas ações de graças por tê-los tirado misericordiosamente do

caminho da perdição, retirando-os dos perigos tão frequentes no mundo! Mas, se entre essas pessoas tão favorecidas e tão afortunadas se encontram algumas poucas parecidas àqueles ingratos israelitas que sentiam falta dos alhos-porros e das cebolas do Egito, não gostando dos manjares deliciosos de seu estado, fácil é acertar de onde lhes nasce esse desgosto.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus, e o mesmo do dia 8, pág. 197.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: 44 O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. 45 Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. 46 E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. 47 Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: 48 e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. 49 Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, 50 e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. 51 Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. 52 Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Do cuidado que todos devem ter de sua salvação

Primeiro ponto

Considera que o homem foi unicamente criado para ser feliz. Não o pode ser sem estar unido a Deus e possuí-lo, porque só Deus é sua vida, seu soberano bem e seu tudo. Não pode estar unido a Deus nem possuí-lo senão enquanto o ama, o serve e o agrada. Separado de Deus, não se acham no homem senão pecado, corrupção e misérias. O pecado é o único que o separa deste supremo bem, deste soberano manancial de todos os bens; é o único que o corrompe, que o faz infeliz e o perde. Apartando-o de Deus e apagadas em seu coração as doces impressões do divino amor, converte todos os seus afetos e todas as suas inclinações às criaturas e para si mesmo, buscando alguma desditada satisfação que de alguma maneira encha o vazio e supra o gosto que experimentava unido ao Criador. O falso, o mentiroso gosto que encontra em si mesmo e nos objetos criados o engana, o encanta e lhe faz crer que é ditoso, que é rico, que nada lhe falta; ao mesmo tempo que é miserável, que é pobre, que está cego e que verdadeiramente é objeto digno de compaixão. Terrível ilusão que insensivelmente conduz a maior parte dos homens à morte, à sepultura, à condenação eterna, sem advertir o precipício até o mesmo ponto em que caem nele! É preciso, pois, para salvar-se, que se destrua o pecado pela penitência; é preciso viver em graça, se não se quer morrer em pecado. Convém-se nesta doutrina? Ela é uma verdade infalível; pois, se se convém nela, em que consistirá que, desejando todos salvar-se, sejam tão poucos os que cuidam de viver e de morrer distantes da culpa, ou ao menos entregues a um sincero arrependimento? Compreende, se é possível, este mistério de iniquidade. De que estado, de que idade se há de considerar própria a penitência? É muito do gosto dos grandes do mundo? É muito conhecida dos mundanos? Produz sempre nos claustros aqueles dignos frutos que lhe correspondem? Faz grande fortuna a penitência (para explicar-me desta maneira) naquela idade da vida em que costumam ser mais frequentes os pecados? Reina muito na ancianidade? Com tudo, é oráculo infalível que, se não fazes penitência, perecerás. Queres salvar-te? Pois necessariamente hás de fazer penitência. E que se infere deste princípio? Que são poucos os que se salvam.

Segundo ponto

Considera que fazer o negócio da salvação é aborrecer o pecado, renunciá-lo, abandoná-lo, trabalhar em destruí-lo por aqueles meios que nos prescreve Deus e se encerram na penitência. Fazer o negócio da salvação é afastar-se eficazmente das ocasiões de pecar; trabalhar sem intermissão em domar as paixões; reprimir incessantemente os assaltos da concupiscência. Fazer o negócio da salvação é seguir constantemente as máximas do Evangelho e regrar a vida à doutrina de Jesus Cristo. O mundo é seu inimigo, com o que é preciso fazer-lhe uma guerra eterna. Enfim, fazer o negócio da salvação é esvaziar nosso coração do amor às criaturas e do amor a nós mesmos, para que todo o nosso amor de preferência, real e efetivo, se dirija unicamente a Deus, que é infinitamente amável e que nos ama infinitamente. É não estimar outra coisa que a salvação, olhá-la como o grande, como o único negócio que merece toda a nossa aplicação. Pois consulta neste particular teu coração e tua conduta e vê se o cuidado que aplicas a este negócio te pode dar motivo para viver com grande confiança. Ah, que talvez te verás obrigado a confessar que,

pelo contrário, tua negligência e teu descuido te fazem temer com sobrado fundamento tua condenação! Que tempo, que desvelos tens dedicado até agora a este importante negócio? Que digo! Tiveste sequer por negócio o de tua eterna salvação? Esperarias bom sucesso do menor de todos os demais negócios se não fizesses mais diligências para seu logro que as que fazes para conseguir este? Coteja o zelo que tens de tua salvação com o que tiveram os santos da sua. Que não padeceram os mártires para merecer esta coroa? Que não fizeram os santos, e que não fazem cada dia para sê-lo os que querem descobrir este tesouro e comprar esta preciosa pérola? Vale hoje o céu menos do que antes valia? Compra-se a menor preço? Desde quando se dá a uns por nada e a outros lhes custa tão caro? É prodigiosa a desproporção que há entre a vida dos santos e a nossa; pois por que havemos de aspirar ao mesmo prêmio? Por que havemos de esperar igual sorte?

Ah, Senhor, e quanto me confunde esta reflexão! Seria menos penetrante minha dor se fosse menos fundada. Que fiz eu até aqui para salvar-me? Ou, falando com mais propriedade, que não fiz para perder-me? Pois vós, divino Salvador meu, me fazeis a graça de dar-me luz para conhecer as tristes consequências de meu fatal descuido, ajudai-me por vossa misericórdia, para que desde este mesmo ponto comece a trabalhar eficazmente no negócio de minha salvação.

Jaculatórias

> *Notum fac mihi, Domine, finem meum.* Sl 38.

Fazei, Senhor, que tenha perpetuamente diante dos olhos o fim para que fui criado.

> *Beati qui scrutantur testimonia ejus, in toto corde exquirunt eum.* Sl 118.

Bem-aventurados os que se dedicam a conhecer a vontade de Deus para servi-lo com todo o coração.

Propósitos

1. Apenas é possível deixar de conceber um alto desprezo da prudência dos filhos do século quando se chega a conhecer a inutilidade de suas fadigas e a vaidade de suas empresas. «Sempre que me detenho a considerar (dizia São João Crisóstomo) esses grandes engenhos, esses homens extraordinários que levam lá dentro de sua cabeça uma das quatro partes do mundo, ocupados sempre em algum grande projeto e quase rendidos ao peso dos negócios, representam-se-me aqueles meninos que estão à beira do mar juntando conchas e mariscos para levantar sobre a

areia umas casinhas que um sopro de vento derruba e a primeira onda que vem infalivelmente as leva.» Em rigor, nenhuma coisa deste mundo é digna de nosso cuidado nem merece toda a nossa aplicação, senão o negócio da salvação; esta só merece o nome de negócio; tudo o mais é entretenimento, puerilidade e bagatela. Convence-te desta importante verdade; compreende bem que é a maior loucura suar, afanar-se, consumir a saúde, as forças, os talentos e a mesma vida em correr atrás de um pouco de ar que, em chegando a conseguir-se, se desvanece como o fumo. Na hora da morte e por toda a eternidade dará muito consolo a um condenado ter deixado poderosos a seus filhos? Isto te deves repetir a ti mesmo todos os instantes.

2. O negócio da salvação é teu único negócio; ainda que tenhas acertado todos os demais, nada fizeste; tudo lançaste a perder se este não teve bom êxito. Este é o único negócio teu; os demais não são teus, mas alheios; são negócios de teus filhos, de teus herdeiros, de teus amigos e de teus parentes. Pois neste negócio teu e pessoal, que tempo tens empregado? De que meios te tens valido? É um negócio árduo, enredoso e delicado; ocupou-te muitas horas? Pensas nele pela manhã, pela tarde, durante o dia e pela noite? O menor dos demais negócios o levas sempre contigo à igreja, ao passeio, à visita, às diversões, à mesa e à cama, sem acertar a lançá-lo de ti; que lugar ocupa em teu coração e em tua memória o importante negócio da salvação? Passaste a maior parte da vida em cuidados, em afãs, em trabalhos; e talvez não te mereceu um quarto de hora de tempo o negócio de tua salvação, que devera ocupar-te toda a vida. Começa ao menos a trabalhar nele desde hoje, de maneira que nada faças sem que te possas dizer a ti mesmo com verdade: Nisto pretendo fazer o negócio de minha salvação.

Santa Librada, Virgem e Mártir

A verdadeira piedade acha sempre nas obras da Providência motivos poderosos para acender-se mais no amor de Deus, ao passo que os encontra também para desconfiar das luzes humanas. Nos obstáculos que o tempo, o descuido dos homens ou sua malignidade opõem à sabedoria, encontra isca suficiente para admirar as grandezas de Deus e as sublimes graças que comunicou a seus servos. Não pode o humano entendimento perceber por que causa permitiu Deus que, sabendo-se autenticamente as perniciosas obras dos inimigos de sua Igreja e de seu santo nome, tenham ficado sepultadas no esquecimento as de muitos servos seus, e outras tão desfiguradas com fábulas e ficções que apenas possa assentir a elas uma razão ilustrada com as luzes da sabedoria. Mas o que se propõe por objeto de sua leitura seu aproveitamento espiritual, e não a vaidade de adquirir notícias curiosas com que alimentar a vã filosofia, recebe com submissão as permissões da Providência, sem ter a temeridade de querer averiguar seus arcanos. Tudo isto se diz porque são tantas as disputas que têm suscitado os críticos sobre os feitos de Santa Librada, as dúvidas que têm espalhado sobre os acontecimentos de sua vida e as opiniões em que a crítica se dividiu que apenas se pode dizer coisa desta ilustre santa sem expor-se à mordacidade da censura. Neste caso, uma prudência ilustrada nos aconselha que não se podem prejudicar os direitos da verdade sempre que se proponha a vida da santa segundo a reconhece a igreja da Espanha, principalmente a de Sigüenza, onde descansa seu santo corpo. Segundo o breviário antigo desta igreja, o que se sabe de Santa Librada se reduz ao seguinte.

Nasceu Santa Librada numa cidade chamada Balcágia, situada na parte ocidental da Espanha. Seu pai se chamou Catélio e sua mãe Calsia, os quais por suas riquezas tinham entre os gentios tal poder e autoridade que podiam passar por reis. Dispôs a divina Providência que do mesmo parto de que nasceu Librada saíssem também à luz outras oito irmãs, cujos nomes são Genivera, Vitória, Eumólia, Germana, Cema, Márcia, Basilisa e Quitéria; caso na verdade inaudito, mas não repugna à razão quando a divina Onipotência quer que a natureza sirva a seus altos fins. Este parto monstruoso encheu a alma de Calsia de uma estranha turbação: por uma parte envergonhava-se de ter dado à luz tão copioso fruto e por outra temia que seu marido o julgasse efeito de alguma infidelidade. Exaltada sua imaginação com estes pensamentos, propôs-se um meio de tranquilizá-los e de livrar-se da infâmia de que já se reputava acusada. Seu marido Catélio não se achava a esse tempo na cidade e podia facilmente ocultar-se-lhe o parto, tirando de diante seu copioso fruto. Combinou-se, pois, com a comadre, única ministra que a havia assistido, em que tomasse aquelas nove meninas e as lançasse num poço profundo, onde com elas se sepultasse todo motivo de suspeita. Por ora, assentiu a comadre a determinação tão ímpia; mas, vendo-se só com aquela multidão de meninas, começou a duvidar e a estremecer sobre a execução daquela crueldade. Representava-se-lhe em sua imaginação a inocência daquelas criaturas, o desamor da mãe e o horror de cometer tantos homicídios. Advertia nelas uma inocente formosura que, junta com a nobreza de seu nascimento, lhe atava as mãos para tirar-lhes a vida sem causa e sem delito. Estas considerações a tinham turbada e, movida da piedade natural, inclinava-se a libertá-las. Outras vezes se apoderava dela o temor, se a rainha chegava a saber sua desobediência, de algum exemplar castigo que convertesse sua piedade em próprio dano. Pôde finalmente nela mais a compaixão que o mandamento de sua senhora e, dando ouvidos a uma inspiração de Deus, determinou-se a deixá-las vivas e a cuidar de sua criação o melhor que lhe fosse possível. Havia na cidade um bairro destinado aos cristãos, entre os quais buscou solicitamente nove amas, a quem encomendou que as criassem com todo o cuidado.

Esta determinação proporcionou àquelas meninas o maior dos benefícios que então podiam receber, pois as amas cristãs solicitaram, antes de todas as coisas, que fossem reengendradas com as águas do batismo, pondo a cada uma delas o nome que já fica referido. Vivendo entre cristãos, deve supor-se que estes lhes dariam uma educação correspondente a sua doutrina. As santas mesmas o manifestaram com o decurso do tempo; pois, tendo chegado a entender o maravilhoso de seu nascimento, o grande perigo de perder a vida em que haviam estado e a alteza de sua linhagem, deram humildíssimas graças a Deus como autor de todos os benefícios. Não se contentou com isto o fervoroso espírito daquelas santas donzelas, mas, imbuídas do grande preço e estimação que tem para com Deus a santa virgindade, fizeram dela um generoso sacrifício, prometendo guardá-la por seu amor toda a vida. Viviam as santas pacificamente entregues ao amor de Deus e do próximo, como verdadeiras cristãs, quando os romanos suscitaram uma sangrenta perseguição contra o nome de Jesus Cristo. Espalharam-se os editos por todos os confins das terras sujeitas a sua dominação, e os presidentes das províncias tiveram ordem de fazer requintadas pesquisas para encontrar, descobrir, prender, atormentar e tirar a vida aos que não quisessem abjurar a religião cristã, oferecendo incenso aos ídolos. Este decreto chegou à Galícia, província sujeita aos romanos, e Catélio, que, embora se nomeie rei ou régulo, devia de ser algum poderoso encarregado da dignidade de presidente, ordenou sua execução com toda a eficácia e exatidão que pudessem torná-lo agradável ao imperador reinante. Saíram os ministros a fazer suas pesquisas e nelas encontraram as nove santas virgens, as quais juntas estavam em fervorosa

oração, pedindo a Deus sua graça e encomendando-lhe a sorte de suas pessoas. Imediatamente as prenderam os ministros e, contentes com a presa e descobrimento que haviam feito, levaram-nas com a maior presteza ao tribunal de Catélio. Logo que as viu este, ficou surpreendido, admirando nelas uma rara formosura, uma semelhança portentosa e uma honestidade amável. Via-as tão iguais na idade e tão parecidas no semblante e em todas as suas ações que lhe moveu a curiosidade a perguntar-lhes quais eram sua linhagem e sua condição. A bem-aventurada Genivera, que devia de ser a que nasceu primeiro que todas elas, respondeu-lhe: «Em ordem a nossa prosápia não temos que dizer mais, senão que somos filhas tuas; pelo tocante a nossa condição, sabe que somos servas de Jesus Cristo, que professamos sua religião sacrossanta e que aborrecemos a superstição gentílica, que trata como divindades as mudas obras das mãos dos homens.» Deu-lhe conta depois de seu prodigioso nascimento, do perigo em que suas vidas haviam estado por conselho de sua mãe, com tudo o mais que julgou conveniente dizer-lhe.

Admirado ficou Catélio do que havia ouvido; mas, pertinaz na superstição e em levar a devido efeito os decretos imperiais, determinou atormentá-las a todas para que deixassem a religião cristã e, se não o faziam, tirar-lhes cruelmente a vida. Entre as nove irmãs sobressaía particularmente Santa Librada por sua singular prudência e por sua muita formosura: estas duas preciosas qualidades excitaram a compaixão dos gentios, e resolveram atormentar suas irmãs em presença sua com requintados tormentos, para que o horror atemorizasse o peito da santa donzela e a fizesse mudar de parecer e adorar os ídolos. Tudo o sofreu a santa virgem com ânimo invencível, e o ver dilacerados os corpos de suas irmãs não serviu de outra coisa que de radicar mais nela os sentimentos da religião que professava. Vendo os gentios iludidos seus pensamentos, tomaram outro caminho muito mais terrível para a santa e muito mais perigoso para contrastar sua constância. Fizeram-lhe propostas especiosas, oferecendo-lhe que gozaria do esplendor de sua linhagem e de suas grandes riquezas se abandonava aquela religião por que tão loucamente padeciam suas irmãs e adorava as divindades. Foram inúteis todas estas diabólicas astúcias, porque, ao passo que se multiplicavam, crescia em Librada a constância na fé e o desejo de derramar seu sangue em defesa dela e por amor de Jesus Cristo. Desenganados de que nada podiam aproveitar, converteram em furor o que antes havia sido brandura e miramento. Atormentaram a santa virgem com os tormentos mais requintados que pôde encontrar sua crueldade; e, vendo finalmente que era impossível triunfar de sua constância, tiraram-lhe a vida cortando-lhe a cabeça, como o haviam executado com suas oito irmãs. Sucedeu este martírio pelos anos do Senhor de 139, que devia de ser imperando Antonino Pio. No rezo de que usa hoje a igreja da Espanha, refere-se que Santa Librada viveu num deserto e que morreu crucificada, e assim a pintam regularmente; mas fosse de um modo ou de outro, nada faz para a substância de ter sofrido um glorioso martírio em defesa da fé do Crucificado. Seu corpo foi recolhido pelos cristãos com o maior segredo e colocado num lugar decente; mas, com as frequentes invasões que padeceu a Espanha nos tempos posteriores, crê-se que se fizeram dele várias trasladações para libertar tão preciosa joia do desprezo e desacato dos infiéis. Numa destas trasladações deveu de vir a parar à cidade de Florença, de onde no ano de 1300 o trasladou o bispo Simão à sua igreja de Sigüenza com autoridade apostólica. Depositou-se por então num honroso sepulcro, até que os contínuos milagres que Deus obrava pela intercessão desta gloriosa santa moveram a piedade dos fiéis a colocá-la em lugar mais brilhante. Dom Frederico de Portugal, bispo de Sigüenza, que foi depois prelado de Saragoça, movido da singular devoção a esta santa mártir, ergueu-lhe uma

suntuosa capela na igreja da catedral, à qual foi trasladada no ano de 1537, onde se lhe tributam os mais ternos obséquios de devoção, como a padroeira do bispado de Sigüenza, dispensando Deus por sua intercessão aos fiéis seus soberanos favores.

Martirológio Romano

Em Antioquia, o suplício de Santa Margarida, virgem e mártir.

No Monte Carmelo, Santo Elias, profeta.

No mesmo dia, São José, apelidado o Justo, que foi proposto com São Matias pelos apóstolos para preencher o posto deixado vago pelo traidor Judas. Mas, tendo caído a sorte a Matias, nem por isso deixou de entregar-se à pregação e aos demais santos exercícios; e, depois de ter sofrido muito da parte dos judeus pela fé de Jesus Cristo, morreu triunfante na Judeia. Refere-se também deste santo que, tendo bebido um tóxico, não experimentou mal nenhum, confiado na assistência do Senhor.

Em Damasco, São Sabino, São Juliano, São Máximo, São Macróbio, Santa Sofia, Santa Paula, mártires juntamente com outros dez.

Em Córdoba, São Paulo, diácono e mártir, que, tendo repreendido uns príncipes maometanos sobre a impiedade de sua seita e de sua crueldade, foi condenado à morte por eles, indo receber sua recompensa no reino dos céus.

Em Portugal, Santa Nilgeforta, virgem e mártir, que, combatendo pela fé de Jesus Cristo e sua pureza, mereceu alcançar um glorioso triunfo na cruz sobre que morreu.

No país de Boulogne, na França, São Vilmer, abade, varão de admirável santidade.

Em Tréveris, Santa Severa, virgem.

Em Saint-Wandrille, na Normandia, Santo Amegiso, abade do mesmo lugar.

Em Melun, a morte do venerável Roberto, rei da França, célebre por sua piedade e boas obras.

Em Roma, os santos mártires Satur, Amarino e alguns outros de ambos os sexos.

Na África, Santo Aurélio, bispo de Cartago, sucessor de São Genetlo, contemporâneo de Santo Agostinho.

No vale de Agordo, no Belunês, São Lucano, venerado em Belluno, onde está seu corpo, como bispo de outra sé.

Na Inglaterra, Santa Etelvida, rainha.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Beatæ Liberatæ, virginis et martyris tuæ, quæsumus, Domine, precibus et meritis adjuvemur; ut quæ pro tui nominis confessione, et pudicitiæ defensione in cruce pependit, ab inimicorum insidiis sua nos protectione defendat. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamo-vos, Senhor, que, pelos méritos e intercessão da bem-aventurada virgem e mártir Librada, nos ajudeis com vossa graça, para que aquela que esteve pendente numa cruz por confessar vosso nome e defender sua honestidade nos defenda também com sua proteção das ciladas de nossos inimigos. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 da Sabedoria (do Eclesiástico).

Eclesiástico 51,1-12

> **Latim:** [1] Oratio Jesu filii Sirach. Confitebor tibi, Domine rex, et collaudabo te Deum salvatorem meum. [2] Confitebor nomini tuo, quoniam adjutor et protector factus es mihi, [3] et liberasti corpus meum a perditione : a laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium : et in conspectu astantium factus es mihi adjutor. [4] Et liberasti me, secundum multitudinem misericordiæ nominis tui, a rugientibus præparatis ad escam : [5] de manibus quærentium animam meam, et de portis tribulationum quæ circumdederunt me ; [6] a pressura flammæ quæ circumdedit me, et in medio ignis non sum æstuatus ; [7] de altitudine ventris inferi, et a lingua coinquinata, et a verbo mendacii, a rege iniquo, et a lingua injusta. [8] Laudabit usque ad mortem anima mea Dominum, [9] et vita mea appropinquans erat in inferno deorsum. [10] Circumdederunt me undique, et non erat qui adjuvaret : respiciens eram ad adjutorium hominum, et non erat. [11] Memoratus sum misericordiæ tuæ Domine, et operationis tuæ, quæ a sæculo sunt : [12] quoniam eruis sustinentes te, Domine, et liberas eos de manibus gentium.

Português: [1] Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. [2] Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor, [3] e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador. [4] E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem. [5] Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram: [6] Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor: [7] Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: [8] A minha alma louvará o Senhor até à morte, [9] pois a minha vida perto estava de dar consigo nas profundezas do inferno. [10] Cercaram-me de tôdas as partes, e não havia quem me ajudasse. Estava olhando para o socorro dos homens, e não aparecia. [11] Lembrei-me da tua misericórdia, Senhor, e das tuas obras, que existem desde o princípio dos séculos: [12] Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

Reflexões

Quando se considera a conduta de Deus para com seus grandes servos e a destes para com Deus, não pode deixar de fazer-se não somente um juízo muito vantajoso da religião cristã, mas também daqueles preceitos seus que parecem mais repugnantes à natureza. Deus favorece seus eleitos, permitindo que se vejam nos maiores perigos e que os homens ímpios executem neles todas as sugestões de sua crueldade. Os santos, por sua parte, lhe dão graças e consideram-se sumamente favorecidos ao tempo que se verificam estas permissões. Quando tinham seus corpos dilacerados com pentes de ferro, quando os apresentavam às feras para serem devorados, quando, pendentes numa cruz, exalavam sua vida com um gênero de tormento semelhante ao que padeceu seu Redentor e Mestre, então era quando com o maior ímpeto de seu coração lhe tributavam graças, persuadidos de que haviam recebido de sua mão os dons mais apreciáveis e as honras mais excelsas. Os homens mundanos, os que vivem segundo a corrupção de suas paixões, os que lisonjeiam os caprichos de seus sentidos, estão muito longe de seguir esta conduta, e assim não podem persuadir-se de que se devam dar graças a Deus por aquilo mesmo que eles reputam pela maior calamidade e infortúnio que pudessem padecer. Seus corações se enchem de assombro e de terror quando ouvem clamar os santos, como se diz na epístola deste dia: *Eu te dou graças, Senhor, Deus e Salvador meu, e te louvarei sempre, porque livraste meu corpo da perdição.* Mas isto mesmo é uma consequência da sublimidade da religião cristã, do eminente de seus preceitos, do vigor que infunde a caridade, que é a alma de toda ela. Os santos mártires tinham impressas em suas almas aquelas sentenças de Jesus Cristo: *O que perde sua vida neste mundo, a guarda para a vida eterna; o que se ama a si mesmo mais que a mim não é digno de mim*; e outras semelhantes, nas quais recomenda a caridade um santo desprezo das coisas perecíveis para lograr uns bens intermináveis.

Estas sentenças, representadas em sua mente com toda a viveza da fé, não somente lhes davam uma fortaleza capaz de desprezar os tormentos dos tiranos, mas além disso os faziam considerar-se entre eles como num florido leito cercado de rosas e de delícias.

Na verdade, se se reflete que a inquietação da alma é o que principalmente causa seus tormentos e que nunca vive o homem com mais terrível angústia que quando lhe falta do coração uma firme esperança, é preciso convir em que os entregues ao mundo, os que vivem entre desordens e delitos, não têm motivo algum para ser venturosos, assim como, pelo contrário, o têm muito grande os servos de Deus para gozar-se e deleitar-se entre as penas e tormentos. Porque, prescindindo das angústias, penas, males verdadeiros e calamidades que experimentam os mundanos no exercício e logro do que têm por diversão, que angústia não será a sua quando num momento de tranquilidade ouvem os gritos da reta razão, que os acusa desde o íntimo de sua alma! Poderá suceder que um instante de delícia passageira faça esquecer ao voluptuoso as enfermidades, perigos e dissipação das forças naturais em que o constitui seu vício; poderá o jogador temperar por algum tempo a amargura que lhe causa o ver dissipados seus bens, reparar com o ócio as noites passadas em vigília e enganar-se a si mesmo, desculpando com outros maus exemplos os grandes danos de que não pode deixar de achar-se sentido; mas estes mesmos, quando façam uso da reta razão, quando ouçam por casualidade aquelas verdades terríveis da religião que lhes recordam que há um castigo eterno ou uma eterna recompensa destinada a suas obras, precisamente se hão de estremecer e há de atormentar suas almas uma inquietação terrível, que é já princípio do castigo que experimentam os infelizes condenados. A esperança, aquela dulcíssima virtude que torna toleráveis as maiores amarguras e que não desampara o homem nas maiores calamidades, está neles morta e sem força alguma para mitigar seus tormentos. Sua mesma consciência lhes assegura de que esta virtude se alimenta com as obras e desfalece e se arruína à vista dos delitos. Pelo contrário, os mártires, em meio de seus tormentos, encontram mil razões de consolação que os animam a abrigar em seu seio uma firme esperança de ser eternamente felizes, e o mesmo sangue que derramam é para eles um preço com que compram sua confiança e sua alegria. Sabem que há um Juiz supremo, que é infinitamente sábio e ao mesmo tempo onipotente, o qual vê e conhece a malícia dos tiranos e o injusto das penas com que afligem seus corpos nesta vida, e que não haverá poder nem astúcia para evadir a eterna vingança. Estão seguros da retidão de sua consciência, sabem que são infalíveis as promessas de Deus, e assim uma dulcíssima paz inunda seus corações; desprezam os tormentos e seus ministros; e, cheios de um gozo santo, cantam hinos, celebrando seu triunfo, e dão a Deus graças porque usa com eles da misericórdia de deixá-los padecer por seu santo nome. Estes admiráveis efeitos é capaz de produzir uma religião santa, sublime, espiritual, cujas leis são superiores a toda a natureza.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo do dia 19, pág. 163.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis

> erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Do amor de Deus

Primeiro ponto

Considera que o amar a Deus é a causa por que sofreram os mártires tão terríveis tormentos até perder a vida; que é a coisa mais justa, mais razoável e regrada que pode conceber o homem; e que por conseguinte é necessário fazer traição ao próprio entendimento para recusar ao Ser supremo um obséquio por tantos títulos devido.

Não hás de julgar que, porque se chama obséquio o ato de amar a Deus, se quer dizer com isto que seja uma ação indiferente e que possa o homem fazê-la ou omiti-la sem contravir à justiça;

nenhum pensamento poderia vir a tua imaginação mais desarranjado e absurdo. O amar a Deus é uma obrigação de justiça, e é necessário ter-se desentendido de todos os ditames da razão para persuadir-se do contrário. A razão dita que o bem deve ser amado onde quer que se encontre, e com muita mais razão quando se achem nele multiplicadas qualidades de bondade que exijam por sua natureza este afeto da alma. Deus é um cúmulo de perfeições infinitas. Nele se acha tudo o amável, tudo o deleitável, tudo o formoso e perfeito que pode imaginar o entendimento mais compreensivo. Quantos motivos se encontram nas coisas criadas que devam chamar a atenção de uma alma boa, todos eles se encontram em Deus com uma perfeição infinita. Se a formosura excita teu amor, Deus é formosura infinita, é o candor da luz eterna, é infinitamente mais formoso que todos os filhos dos homens; com a diferença de que suas belezas não estão sujeitas à mutação do tempo nem aos rigores das enfermidades. Se as riquezas levam a atenção de tua alma e a inclinam a olhá-las com estima, em Deus se encontram uns tesouros inesgotáveis de riquezas infinitas, cuja posse não turba nem inquieta, mas faz perfeitamente felizes. Numa palavra, Deus é formosíssimo, é riquíssimo, sapientíssimo, prudentíssimo, amabilíssimo infinitamente, porque nele se acham com infinita perfeição todos os bens e virtudes. É constante que o coração do homem não se inclina nem ainda ao mau sem que primeiro encontre nele alguma espécie ou aparência de bem. Nada é capaz de excitar ao amor senão um bem certo ou imaginado. Persuadido o homem do bem, não pode deixar de amá-lo, e a vontade se acha como obrigada sempre que o entendimento lhe propõe um bem em cujo amor deve empregar-se. Sendo isto certo, como o é, deves convir em que o amor a Deus é um ato de justiça cuja transgressão é o delito mais horrendo e execrável. A isto se acrescenta que este mesmo Deus derramou tão copiosamente sobre ti seus benefícios que deves amá-lo, ainda quando não seja mais que por hombridade e pela lei do agradecimento. Ele te criou, ele te conserva, ele te abasteceu de bens de fortuna, e a sua benéfica mão deves tua vida, teus movimentos e subsistência. Não contente com estes grandes benefícios, fez-te outros de superior classe e hierarquia, quais são os bens espirituais, a graça da redenção, o ter-te chamado ao conhecimento de sua lei e profissão do Evangelho, o ter-te abastecido das imponderáveis graças que se contêm nos sacramentos e por último o oferecer-te com tanta generosidade as recompensas eternas. São estes uns dons, uns favores, uns benefícios que excedem toda ponderação e que não basta nenhuma humana inteligência para estimá-los dignamente. Todos eles estão pedindo da parte tua correspondência, estimação, agradecimento; numa palavra, estão pedindo amor, que é o único que exige de ti teu amabilíssimo Deus.

Segundo ponto

Considera que, embora no amor de Deus não se deva atender à utilidade que resulta, pois devemos amar a Deus por si mesmo e não por nosso interesse privado, com tudo isso são tantos e tais os frutos que nos provêm deste amor que eles são um novo excitativo para empregar-nos nele.

Porque, que somos os homens diante de Deus? Que é nossa alma se lhe falta a caridade? Que preço, que estimação merece sem esta grande virtude? Todo o nosso mérito, tudo quanto pode tornar apreciável o homem na divina presença o constitui o amor. Ele é o que dá à alma grandeza, o que a constitui digna e o que forma o grau de seu mérito. Todos os dons, todas as graças de nada aproveitam sem a caridade, diz Santo Agostinho (Sermão 50 sobre as palavras do Senhor):

acrescenta-lhes caridade, e todos são úteis; tira a caridade, e nada há que seja de proveito. Os dons mais excelentes, as graças mais particulares, aquelas graças de Deus que têm feito os homens admiráveis neste mundo, o dom de profecia, o dom de sabedoria, o de milagres e todos os demais que são superiores à natureza, convertem-se numa sombra, num espectro quando falta a caridade. Por isso São Paulo (1Cor 13) assegura que, ainda que sua sabedoria chegasse a tal ponto que falasse todas as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse caridade, seria como um sino cuja voz é insignificante, toda ruído. Todas as virtudes que podem adornar a alma do cristão tomam seu mérito e sua grandeza da caridade, de tal maneira que o abstinente, o mortificado, o contemplativo, o esmoler, o mártir mesmo recebe o verdadeiro caráter de tal da virtude da caridade, porque sem ela nem será verdadeiro abstinente, nem verdadeiro contemplativo, nem mortificado, nem mártir. Daqui se infere que toda a nossa santidade e nossa bem-aventurança nos provêm do amor e que, à proporção que este cresce em nós, aumentam-se as razões de ser mais amados de nosso Deus e mais venturosos no futuro.

Estes frutos só bastariam para empenhar-nos em amar a nosso Deus, fazendo profissão de possuir antes de todas as coisas a virtude da caridade. Mas, se se consideram em toda a sua extensão os admiráveis efeitos que produz na alma que chegou felizmente a estar penetrada dela, cresce a admiração e surpreende-se o humano entendimento ao ver seus efeitos prodigiosos. Ouvimos a abstração e solidão com que viviam os anacoretas, o rigor e crueldade com que mortificavam seus corpos os santos penitentes; ouvimos a alteza de contemplação, os êxtases e arroubos a que chegaram os homens muito espirituais; vemos alguns desprezar grandes estados, abandonar reinos inteiros, negar-se a todas as delícias, deixando no leito nupcial a terna esposa por viver pobres e desterrados; e por último vemos uma delicada donzela olhar com semblante sereno os garfos e o cutelo e cantar hinos de alegria enquanto despedaçavam seu corpo virginal; e, ao ver tudo isto, surpreendemo-nos justamente, admirando a força invisível que pode dar a uma fraca criatura poder para umas obras tão superiores à natureza. Mas todos estes efeitos são consequências necessárias da caridade que acende o coração. Todo o segredo para fazer outro tanto consiste no amor; quanto percebemos de difícil, de sublime e heroico nestas grandes obras, tudo nasce da caridade. Ama a Deus e desde logo podes prometer-te que farás tu o mesmo que fizeram os anacoretas e os mártires. *O que ama*, diz Santo Agostinho, *não tem trabalho; aos que não amam, qualquer coisa lhes é difícil; só o amor é o que se envergonha até do nome de dificuldade.* Porque o verdadeiro amor, diz ele mesmo, jamais sente amargura em suas obras, mas doçura e deleite. Por esta causa, ainda nas maiores penalidades, acham-se os santos cheios de um regozijo inexplicável, que somente podem conhecer os que chegaram a estar possuídos do amor divino. Ditosa a alma que está acesa neste precioso fogo! Põe todo o teu esmero em amar a Deus, e não duvides que este amor produzirá em ti os mesmos efeitos.

Jaculatórias

> *Non amemus creaturam, neglecto creatore; sed attendamus creaturam, et laudemus creatorem.* Santo Agostinho, Sermão 261.

Não amemos as criaturas desprezando o Criador, mas antes, examinando as perfeições das criaturas, louvemos a infinita sabedoria e bondade que produziu tais obras.

> *Da mihi te, Deus meus, redde te mihi, te enim amo; et si parum est, amem validius.* Santo Agostinho, *Confissões*, l. 13, cap. 8.

Dá-me a ti, Deus meu, entrega-te a mim, porque nenhuma coisa amo neste mundo senão a ti; e, se o amor que te tenho é pequeno, faze que te ame com amor mais intenso.

Propósitos

À mais mínima consideração convencem-se os homens de que devem amar a Deus e formam propósitos de não empregar seu amor senão naquele Ser supremo, que é por si mesmo tão merecedor dos afetos e conatos de nossas almas. O considerar nele tantas razões de bondade e tanto cúmulo de perfeição determina seus entendimentos a uma obra a que não podem resistir. Mas depois disto enganam-se facilmente, crendo que o amor de Deus é uma coisa especulativa, que pode estar na alma, juntando ao mesmo tempo outra coisa diferente nas obras. Se isto fosse assim, não seria tão curto o número dos verdadeiros cristãos, nem mereceria tantos elogios aquela caridade que fez heróis aos santos. Assim como no trato civil não se tem por amizade verdadeira a que não se manifesta nas obras, do mesmo modo não é verdadeiro amor de Deus o que não se manifesta nos efeitos. Deus por si mesmo não necessita de nosso amor, nem podemos fazer coisa alguma de que lhe resulte dano ou proveito. Mas tem neste mundo uns substitutos seus, em cujo benefício quer que se explique o amor que lhe temos. Por isso diz Jesus Cristo no Evangelho: *Tudo aquilo que fizerdes a qualquer destes meus pequeninos é um benefício feito a mim mesmo.* Deus não necessita de nossos dons; é infinitamente rico; mas para isso tem seus pobres no mundo, nos quais se deve exercitar o amor que lhe temos. Deus jamais está nem pode estar enfermo; mas amou de tal maneira os homens que o que se faz por eles o toma em conta, para premiar ou castigar como se tivesse sido executado com ele mesmo. Isto se vê claramente nas repreensões que fará aos condenados no dia do juízo universal e nos motivos pelos quais diz o mesmo Deus que dará a bem-aventurança aos justos: «Tive fome e sede — dirá aos primeiros —, e não me destes de comer nem de beber; estive enfermo, e não me visitastes: ide, portanto, malditos, ao fogo eterno.» E aos santos dirá: «Vinde, benditos de meu Pai, a gozar do reino que vos está preparado desde a constituição do mundo, porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; estive enfermo, e me visitastes», etc. Tudo isto convence de que o amor de Deus se explica e manifesta nas boas obras que se praticam com suas criaturas e que o melhor indício de que está penetrada tua alma deste divino amor é a prática daquelas obras que testificam o do próximo; porque o que não ama o próximo que tem presente, como poderá amar a Deus, a quem nenhum olho mortal pôde ver jamais? Procura, pois, dar a entender que tens em teu peito o amor divino, manifestando-o com os benefícios que fizeres a teu próximo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:31 by Admin

Updated 20 November 2026 20:50:31 by Admin